

## Capítulo 1

Turismo em áreas naturais e o geoturismo

Jasmine Cardozo Moreira

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MOREIRA, JC. Turismo em áreas naturais e o geoturismo. In: *Geoturismo e interpretação ambiental* [online]. 1st ed. rev. and enl. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2014, pp. 19-36. ISBN 978-85-7798-213-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

---

## TURISMO EM ÁREAS NATURAIS E O GEOTURISMO

A OMT (2003) define o turismo como sendo a atividade de pessoas que viajam para lugares afastados de seu ambiente usual, ou que neles permaneçam por não mais que um ano consecutivo, a lazer, a negócios ou por outros motivos. Caracteriza-se por ser um fenômeno socioeconômico e cultural, pois envolve o contato com pessoas e com culturas diferentes.

Por ser uma das atividades que mais se desenvolve atualmente no mundo, vem adquirindo importância no crescimento da economia mundial, sendo uma alternativa que pode ser utilizada para envolver as comunidades. Silva e Araújo (1987) explicam que o turismo é uma atividade importante para as regiões subdesenvolvidas tanto quanto plantar, colher e manufaturar, pois quando se ampliam os fluxos turísticos a demanda por produtos agrícolas, industriais e pelos serviços também se amplia.

O turismo é também uma atividade que demanda pouco investimento para a geração de empregos. Segundo a OMT, a atividade é responsável por um em cada nove empregos gerados no mundo. Se bem gerida, possibilita a efetiva descentralização do desenvolvimento do país, contribuindo para a redução das desigualdades sociais, para a geração e distribuição de renda, para a criação de postos de trabalhos, ocupação e também para a entrada de divisas no país.

Pelo fato de movimentar tantos recursos financeiros (diretos e indiretos), contribui para o aumento do PIB e para a melhoria da qualidade de vida da população. Para Fernandes e Coelho (2002, p. 13),

A crescente atividade turística demonstra possuir sua própria dinâmica e justificativa social, por isto não pode ser concebida como um fato meramente conjuntural ou simplesmente passageiro. O turismo tem evoluído substancialmente ao longo do tempo, especialmente a partir da segunda metade do século XX, e é considerado nos dias de hoje o segmento que exhibe as maiores taxas de crescimento no mundo dos negócios.

Mas, de qualquer forma, a atividade necessita de planejamento adequado para que seus impactos positivos (econômicos, sociais, ambientais, e culturais) sejam ainda maiores e os impactos negativos minimizados. Ruschmann (1999) ressalta que é imprescindível estimular o desenvolvimento harmonioso e coordenado do turismo, pois se não houver equilíbrio com o meio ambiente a atividade turística comprometerá sua própria sobrevivência. É importante que sejam adotadas medidas eficientes no sentido de planejar e utilizar racionalmente os recursos naturais, respeitando-se o equilíbrio do meio ambiente.

Cruz (2005) afirma que o turismo envolve na sua realização sujeitos sociais (comunidade, turistas, poder público) com expectativas diferentes, não raras vezes divergentes. Portanto, conciliar esses interesses de ordenamento de território pelo e para o turismo deve ser um paradigma orientador do planejamento. De qualquer modo, para que um local seja considerado atrativo turisticamente, deve possuir as condições básicas para satisfazer as necessidades dos turistas.

Aliando o potencial com a infraestrutura, o Brasil é um dos países da América do Sul que vem recebendo incremento no número de turistas na última década. Em 1995, o número de turistas internacionais que chegavam ao país era de dois milhões de pessoas, em 2007 esse número aumentou para cinco milhões de pessoas, dando ao Brasil o 41º lugar no ranking mundial (UNTWO, 2008, p.13) e o 2º no ranking da América Latina. (Ibidem, p. 32).

A atividade já é um importante setor de desenvolvimento econômico do país. Ao priorizar o turismo, o Brasil está seguindo duas tendências mundiais: o turismo direcionado para o mercado internacional e um aumento do turismo especializado, o que pressupõe um crescente interesse na natureza e a preferência por ambientes mais preservados.

Em 2003 foi criado o Ministério do Turismo – Mtur, com o objetivo de atuar de forma estratégica para o desenvolvimento do turismo nacional através da construção e implementação de políticas públicas próprias para o setor. (BRASIL, 2006). Em 2008 o turismo já era o quinto produto na geração de divisas em moeda estrangeira para o Brasil.

Entretanto, Souza et al. (2008), ao analisarem dados estatísticos publicados por órgãos nacionais, revelam que essas análises demonstram a falta de uniformidade dos dados, pois foram contabilizadas diferentes variáveis e apresentadas de modos diferentes, conforme o órgão responsável pela pesquisa, dificultando a comparação entre os mesmos. Para esses autores, há “a necessidade de ações mais eficazes, tanto dos órgãos governamentais como das empresas privadas ligadas ao setor, no sentido de promover o país como um destino turístico desejável”. (Ibidem, p. 7).

Assim, apesar dos esforços que vêm sendo realizados pelo Governo, muito ainda deve ser feito para que possamos oferecer produtos turísticos com qualidade, que aliados a uma infraestrutura apropriada atrairão ainda mais turistas. Com incentivo e o planejamento adequado, poderemos aproveitar ainda mais o potencial geoturístico que possuímos em nosso país.

## 1.1 SEGMENTAÇÕES DO TURISMO EM ÁREAS NATURAIS

O turismo acontece porque as pessoas viajam por diferentes motivações, como buscar locais para descansar, realizar atividades esportivas, conhecer culturas diferentes, distrair-se, fugir da rotina, entre outros motivos. Logo, os turistas buscam no turismo uma forma de satisfazer essas necessidades, deixando um pouco de lado o que fazem habitualmente. Gontijo e Rego (2001) alegam que todos nós, enquanto seres humanos, somos turistas em potencial e o que nos resta é resgatar em nós aquelas motivações que nos levam a conhecer e vivenciar novos horizontes, novas paisagens.

Com a especificidade nas atividades turísticas, é cada vez maior a segmentação no turismo. Muitas são as motivações e assim novas terminologias são criadas. Além dos turistas que podem se beneficiar realizando as atividades turísticas que mais lhe atraem, para a EMBRATUR (1994, p. 11) essas motivações são utilizadas também pelas empresas de turismo,

O turismo, como uma atividade econômica sofre, também, inovações constantes, em face da competitividade dos mercados e das exigências da demanda. Em vista disso, as empresas de turismo estão a caminho da especialização, deixando de ser generalistas, e passam a oferecer produtos segmentados, destinados a uma clientela específica.

Com essa crescente segmentação, independentemente da motivação, o turismo utiliza em diversos dos seus segmentos atrativos geológicos e geomorfológicos, como praias, rios, cavernas, montanhas, lagoas, paredões rochosos, fontes termais, cachoeiras, vulcões, cânions, entre outros. (Quadro 1).

**Quadro 1** - Segmentos do turismo que utilizam em suas atividades elementos do patrimônio geológico

(*Continua*)

Segmento do turismo	Característica e/ou motivação
Lazer	Fugir da rotina e conhecer novos lugares
Saúde	Melhorar a saúde
Histórico-cultural	Visitar locais históricos, museus, monumentos, santuários, etc.

Segmento do turismo	Característica e/ou motivação
Desportivo	Pessoas que vão assistir ou participar de eventos esportivos
Ecológico	Pessoas que apreciam o contato com a natureza, respirar ar puro, fotografar paisagens, etc.
Turismo de aventura	Busca por experiências que tragam emoção e “adrenalina”
Ecoturismo	Realizar atividades junto à natureza, que envolvam aspectos de educação e interpretação ambiental. Enfoque principal na natureza
Turismo Rural	Descanso, contato com tradições do campo. Enfoque no ambiente rural

Fonte: A autora.

Analisando bibliograficamente o turismo realizado na natureza, percebe-se que continuamente existe uma crescente demanda por novas alternativas de turismo, que atraem cada vez mais adeptos. Pires (2000) afirma que a ampla margem de abordagens e enfoques centrados na ideia de “alternativo” resultou no surgimento de uma grande variedade de modalidades turísticas. Em suas pesquisas ele identificou mais de 25 tipos de turismo realizados em áreas naturais, como o turismo de aventura, ecoturismo, turismo rural, agroturismo e outros não tão conhecidos no Brasil, como o turismo suave (*Soft Tourism*), turismo verde (*Green Tourism*), turismo de baixo impacto (*Low Impact Tourism*), turismo de risco (*Risk Tourism*), entre outros.

McKercher (2002) engloba no turismo em áreas naturais o ecoturismo, o turismo de aventura, o turismo educacional e uma profusão de outros tipos de experiências proporcionados pelo turismo ao ar livre e alternativo. No entanto, cada vez é mais comum todas essas atividades serem erroneamente rotuladas de ecoturismo.

O turismo de natureza vem crescendo cada vez mais, devido principalmente ao crescente interesse global por temas ambientais. O documento “Diretrizes para visitação em Unidades de Conservação” (BRASIL, 2006, p. 9) assegura que “nos últimos 10 anos, diversos fatores indicam um crescimento expressivo da visitação em áreas naturais no Brasil e no mundo”. Essa busca pela natureza também é ressaltada por Pires (2000, p.12) que afirma que é

[...] profundo o interesse que a sociedade contemporânea tem pelo mundo natural, interesse esse que permeia o imaginário coletivo com o aceno do paraíso, particularmente nos países centrais do capitalismo ou em regiões intensamente urbanizadas de países periféricos, onde a ciência, a técnica e a informação definem espaços cotidianos altamente artificializados.

De qualquer modo, César et al. (2007) afirmam que o turismo em áreas naturais vem sendo desenvolvido de forma bastante restrita e com ações isoladas, sendo

que o grande potencial natural e cultural do nosso país ainda não é plenamente aproveitado como alternativa de desenvolvimento econômico e social para as comunidades e propulsor da conservação do ambiente natural.

A partir da década de 1980 começaram a ser feitas as primeiras abordagens conceituais e tentativas de definição de novos segmentos turísticos ligados a áreas naturais. A princípio, “turismo ecológico” era a expressão mais fluente. Nos anos 1990, essa expressão deu lugar à outra, ecoturismo. Em 1994, a EMBRATUR elaborou a seguinte definição:

Turismo desenvolvido em localidades com potencial ecológico, de forma conservacionista, procurando conciliar a exploração turística com o meio ambiente, harmonizando as ações com a natureza, bem como oferecer aos turistas um contato íntimo com os recursos naturais e culturais da região, buscando a formação de uma consciência ecológica. (EMBRATUR, 1994, p. 5).

O ecoturismo tem demonstrado ser um dos mais eficientes instrumentos econômicos adotados por governos e setores comprometidos com o meio ambiente para financiar e garantir a proteção de ecossistemas. A essência do produto ecoturístico é a interpretação do ambiente, baseada em informações de qualidade, onde se privilegia o interesse do turista pela natureza. (HILLEL; OLIVEIRA, 2000). Mas, além de tudo, requer planejamento, administração, equipamentos, serviços e infraestrutura adequados, visando a conservação da natureza.

O governo brasileiro, através do Ministério do Turismo e da EMBRATUR, apoia a realização da atividade, mas fica bem clara a relação do ecoturismo com os aspectos da biodiversidade e não da geodiversidade. A principal motivação de quem pratica o ecoturismo é a apreciação da natureza (de uma forma em geral), ou seja, os aspectos relacionados à geologia e geomorfologia não são o foco nessa modalidade, apesar de sempre estarem presentes.

Outro segmento popular praticado em áreas naturais é o turismo de Aventura, no qual a principal motivação é a busca por experiências que tragam emoção e adrenalina. É definido como atividades turísticas decorrentes da prática de atividades de aventura de caráter não competitivo, oferecidas comercialmente e que envolvem riscos avaliados, controlados e assumidos. (BRASIL, 2005). O Brasil surge com todas as condições de se estabelecer no cenário mundial como um destino de turismo de aventura, por suas áreas naturais e empresas já estabelecidas, somadas à vontade do poder público.

Além disso, esse é um segmento que apresenta importância estratégica para o desenvolvimento do turismo no Brasil como fator de desenvolvimento social local e

diferencial para estratégias de marketing em nível internacional. (BRASIL, 2005). O turismo de aventura é considerado fator de atração de turistas estrangeiros, especialmente em alguns destinos como, por exemplo, o Parque Nacional do Iguaçu. Muitas vezes, as atividades de turismo de aventura chegam a confundir-se com as atividades ecoturísticas, como é o caso do arborismo, caminhadas longas (*trekking*) e caminhadas curtas (*hiking*). De qualquer modo, se o país pretende utilizar o turismo de aventura como uma estratégia de marketing internacional, é importante que, além da segurança e responsabilidade que envolvem o segmento, as atividades educativas e a adequada interpretação geológica dos atrativos sejam favorecidos.

A relação entre o turismo de aventura e o patrimônio geológico também é muito próxima, pois atividades como rapel, canionismo, cachoeirismo, entre outras, são realizadas baseando-se no relevo. Portanto, são necessários meios interpretativos voltados para a interpretação do patrimônio geológico, meios que também poderão ser utilizados em atividades voltadas para o ecoturismo e para o geoturismo.

Contudo, independentemente da segmentação, o turismo deve ser sustentável. Sisto (2003) afirma que a sustentabilidade, premissa do final do século XX e início do século XXI, foi convertida em um enunciado usual de políticos e pensadores, sendo que o turismo cobra um valor adicional, que é o de resguardar os atrativos que propiciam a execução da atividade. Portanto, a sustentabilidade no turismo é fundamental e, segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT) (2003, p. 24),

O desenvolvimento do turismo sustentável atende às necessidades dos turistas de hoje e das regiões receptoras, ao mesmo tempo em que protege e amplia as oportunidades para o futuro. É visto como um condutor ao gerenciamento de todos os recursos, de tal forma que as necessidades econômicas, sociais e estéticas possam ser satisfeitas sem desprezar a manutenção da integridade cultural, dos processos ecológicos essenciais, da diversidade biológica e dos sistemas que garantem a vida.

Dessa forma, para o adequado planejamento do turismo sustentável, deve-se priorizar seu desenvolvimento de forma igualmente sustentável, estabelecendo o zoneamento detalhado e determinando a capacidade de carga dos recursos naturais. Além disso, é imprescindível educar ambientalmente os turistas e as comunidades receptoras. (MOREIRA, 2006). De acordo com Fennel (2002), só assim poderemos atingir as metas desse tipo de turismo, ou seja:

- Desenvolver maior consciência e compreensão das contribuições significativas que o turismo pode trazer ao meio ambiente e à economia;

- Promover a equidade e o desenvolvimento;
- Melhorar a qualidade de vida das comunidades;
- Oferecer experiências de alta qualidade para o visitante, mantendo a qualidade do meio ambiente do qual dependem os objetivos anteriores.

O mesmo autor também afirma que, assim, a prática do turismo realizada adequadamente (Ibidem, p. 105):

- Auxilia a justificar e pagar a conservação de áreas naturais importantes e da vida selvagem, incluindo os ambientes marinhos, pois esses representam atrativos para os turistas;
- Ajuda a melhorar a qualidade ambiental da área, pois os turistas gostam de visitar lugares que sejam atrativos, limpos e não poluídos. A melhoria da infraestrutura também contribui para uma melhor qualidade ambiental.
- Aumenta a conscientização ambiental local no momento em que os residentes observam o interesse dos turistas em relação à conservação e percebem a importância de proteger o meio ambiente.

Mas, para que qualquer uma das segmentações turísticas possa surgir e ser realizada, os recursos turísticos são indispensáveis. Em relação aos recursos turísticos brasileiros, o Ministério do Turismo (BRASIL, 2006, p. 26) afirma que:

Tradicionalmente, os recursos turísticos do País colocados no mercado se restringiam, com raras exceções, aos recursos e atrativos relacionados ao segmento do sol e praia, o que explica a grande concentração do desenvolvimento da atividade ao longo do litoral. Aumentar o número de produtos turísticos de qualidade, diversificar os produtos turísticos contemplando a pluralidade cultural, a riqueza natural e considerando as diferenças regionais, incentivar a estratégia de segmentação, promover a estruturação de roteiros, integrar e apoiar a promoção e a comercialização e promover a competitividade e a inclusão são objetivos que devem ser perseguidos na estruturação e diversificação da oferta turística do País.

Para o Ministério, a diversificação da oferta faz-se necessária. Para tanto, a estratégia da segmentação, novos roteiros e a diversificação dos produtos turísticos são objetivos a serem perseguidos.

Assim, tendo em vista que é cada vez maior a necessidade de utilizar melhor o potencial do nosso país, o geoturismo surge como uma nova oportunidade ao turismo realizado em áreas naturais.



### 1.1.1 Geoturismo, um novo segmento de turismo em áreas naturais

O geoturismo é um segmento que vem crescendo a cada ano, sendo uma nova tendência em termos de turismo em áreas naturais. As pesquisas nessa área ainda estão no início e faz-se necessário conhecer mais as características, impactos e definições de tal segmento.

Com uma ênfase particular na conservação, educação e atrativos turísticos em relação aos aspectos geológicos, interpretar o ambiente em relação aos processos que o modelaram pode ser uma ferramenta de educação ambiental, proporcionando um melhor aproveitamento dos recursos que a natureza nos oferece. Mc Keever, Larwood e Mckirdy (2006) afirmam que o geoturismo, se comparado com outras modalidades turísticas, ainda está na infância, mas que é através do suporte para a geoconservação que se assegura o recurso para as suas atividades.

O geoturismo não pode ser encarado como uma forma de ecoturismo, e sim como um novo segmento, que conta inclusive com a aprovação por parte da UNESCO,<sup>1</sup> sendo específico em suas potencialidades e objetivos.

Por mais que as definições de ecoturismo contenham o patrimônio natural, nenhuma delas abrange a geodiversidade como parte do produto turístico, citando muitas vezes unicamente a biodiversidade. O que diferencia o ecoturismo do turismo convencional é o fato de ele ser considerado uma segmentação turística responsável, que cumpre critérios e princípios básicos de sustentabilidade, critérios esses também seguidos pelo geoturismo, que contempla os aspectos geológicos como os principais atrativos turísticos. Para alguns autores, o geoturismo, devido às suas características, chega a ser mais “*eco-friendly*” que o próprio ecoturismo. (ROBINSON; ROOTS, 2008).

De qualquer forma, o ecoturismo, turismo de aventura, turismo técnico científico, geoturismo, entre outros, podem estar vinculados, visto que os meios interpretativos voltados aos aspectos geológicos podem ser utilizados por qualquer uma das modalidades de turismo praticadas em áreas naturais. Assim, o geoturismo pode compartilhar experiências realizadas em outras modalidades de turismo em áreas naturais e mesmo assim permanecer distinto em seus objetivos. Em combinação com outras formas de turismo, pode adicionar outra dimensão e diversidade ao produto turístico oferecido.

Contudo, mais importante do que isso é o reconhecimento de que as paisagens naturais, monumentos geológicos, rochas, fósseis, entre outros aspectos geológicos precisam ser preservados antes que se percam. Concorda-se aqui com

---

<sup>1</sup> No documento usado como referência para a criação de geoparques “*Guidelines and Criteria for National Geoparks seeking UNESCO’s assistance to join the Global Geoparks Network*”, o geoturismo é citado e, na seção de autoavaliação, um dos itens é específico em relação ao geoturismo.

o pensamento de Newsome e Dowling (2006), de que somente conseguiremos tal feito através do reconhecimento e a valoração desses recursos, planejando o turismo e as ações voltadas ao manejo da área.

Em se tratando dos aspectos históricos, não se sabe ao certo quando foi o início do interesse de turistas por paisagens especialmente ligadas à geologia. Devido à popularidade da ciência geológica, essa já era uma motivação turística desde o século XIX. Macfarlane (2005, p. 53) cita que, na Inglaterra,

O turismo geológico tornou-se atividade crescente na década de 1860, os interessados em participar de excursões geológicas tinham a chance de escolher entre vários cursos que ofereciam instrução sobre rochas [...] O professor William Turl oferecia (de acordo com anúncio por ele veiculado) “aulas particulares a turistas, que lhes proporcionarão conhecimento suficiente para identificar todos os componentes de rochas cristalinas e vulcânicas encontradas nas montanhas européias”.

De qualquer modo, não é novidade que roteiros voltados para a observação de locais onde a geologia e a geomorfologia são singulares já são realizados há muitos anos, não se restringindo somente a saídas técnicas e aulas de campo. Para Bourne; Hamilton-Smith e Spate (2008) a visita em “cavernas show”<sup>2</sup> na Austrália são a forma mais antiga de geoturismo.

No Brasil o termo “geoturístico” aparece em 1987 sendo citado por Silva e Araújo (p. 179):

[...] é elaborado um mapa inventário, contendo todos os recursos potenciais, naturais e culturais, bem como as variáveis geofísicas e socioculturais que atuam na área, a saber: clima, regime de ventos, existência de endemias, erosão, ação do homem, etc. Esse mapa, denominado geoturístico ambiental, difere dos mapas geológicos, geofísicos clássicos e é de fácil elaboração, porém não dispensa os conhecimentos técnicos tradicionais.

Entretanto, nesse caso, o termo estava relacionado a um mapa, utilizado na implantação de um Distrito Ecoturístico, e não propriamente à designação de um novo segmento turístico.

Com esse outro enfoque, a primeira citação científica publicada utilizando o termo geoturismo foi proposta em 1995 pelo inglês Thomas Hose (p. 17), na qual o geoturismo é a “Provisão de serviços e facilidades interpretativas no sentido de possibilitar aos turistas a compreensão e aquisição de conhecimentos de um sítio geológico e geomorfológico ao invés da simples apreciação estética”.

2 As “show caves” são cavernas acessíveis para o público em geral e que geralmente possuem taxas de entrada, iluminação artificial, trilhas, horário de funcionamento e condutores capacitados. Um exemplo de “show cave” na Austrália é a Caverna Jenolan: <[www.jenolancaves.org.au/](http://www.jenolancaves.org.au/)>.

Hose (2000, p. 136) reviu essa primeira definição, considerando agora o geoturismo como a disponibilização de serviços e meios interpretativos que promovem o valor e os benefícios sociais de lugares com atrativos geológicos e geomorfológicos, assegurando sua conservação, para o uso de estudantes, turistas e outras pessoas com interesses recreativos e de ócio.

Há também diversas abordagens realizadas por outros autores. Na definição de Newsome e Dowling (2006), a geologia e a geomorfologia são os componentes centrais e o enfoque principal de interesse dessa modalidade turística. Frey et al. (2006) consideram o geoturismo como sendo um novo setor ocupacional e de negócios, com a característica principal de transferir e comunicar o conhecimento geocientífico ao público em geral, baseando-se na interação entre políticas, geociências, universidades e o turismo. De qualquer modo, o princípio fundamental de suas atividades está na proteção sustentável e conservação do patrimônio geológico. No entanto, o seu caráter complexo e multidimensional é abordado por Pforr e Megerle (2006), que informam não haver aceitação sobre o seu conceito e limites práticos, sendo que o estabelecimento de uma definição parece ser problemático.

Cabe aqui ressaltar que, da mesma forma que o ecoturismo não tem o mesmo significado que turismo ecológico, o geoturismo também não é somente turismo geológico. O termo vem da junção das palavras geologia e turismo e não geografia e turismo, como parece ser o caso para a *National Geographic* (STUEVE; COOKS; DREW, 2002), que tratam o geoturismo como uma combinação entre os atributos naturais e culturais que fazem com que um determinado local seja distinto do outro, enfocando as características geográficas do destino. Hose (2008) critica tal definição, pelo fato de que a *National Geographic*, ao criá-la, não levou em consideração os trabalhos que já haviam sido publicados sobre o tema, tomando para si a “criação” do termo. Também acerca da definição de Stueve; Cooks e Drew (2002), Brilha (2005) informa que a mesma apresenta o sentido do desenvolvimento turístico, envolvendo as características geográficas de um lugar, onde estariam incluídos os aspectos ligados ao meio ambiente, cultura, patrimônio arquitetônico e bem-estar de seus habitantes. De qualquer maneira, para Gates (2006, p. 157), o geoturismo “é um novo termo para uma idéia relativamente antiga, e, como tal, apresenta definições conflitantes”.

Em 2011, sob os auspícios da UNESCO, aconteceu no Geopark Arouca (Portugal), o Congresso Internacional de Geoturismo. Neste evento foi apresentada a Declaração de Arouca, realizada em conjunto com a Comissão Organizadora, de acordo com os princípios estabelecidos pelo *Center for Sustainable Destinations – National Geographic Society*. Na Declaração, entende-se o Geoturismo como o turismo que sustenta e incrementa a identidade de um território, considerando a sua geologia, ambiente, cultura, valores estéticos, patrimônio e o bem-estar

dos seus residentes. Neste caso, o turismo geológico assume-se como um dos componentes do Geoturismo.

Para compreender e estudar o novo fenômeno que ele realmente é, aqui o geoturismo é tratado como uma segmentação turística sustentável, realizada por pessoas que têm o interesse em conhecer mais os aspectos geológicos e geomorfológicos de um determinado local, sendo essa a sua principal motivação na viagem. Apesar de ser um novo segmento, não chega a ser considerado um modismo, pois se fosse um termo passageiro não integraria documentos oficiais da UNESCO e não estaria sendo tão pesquisado a nível mundial. (MOREIRA, 2008).

Em relação ao âmbito geográfico em que pode ser realizado, cabe ressaltar que o geoturismo não se restringe às áreas naturais, podendo ocorrer também nas áreas urbanas, como no exemplo apresentado no Geopark urbano de Hong Kong (NG; FUNG; NEWSOME, 2010). Além disso, esse segmento proporciona uma marca, um padrão e um foco para que as pessoas possam promover os méritos do seu patrimônio local. (MAHER, 2010).

Buckley (2006) afirma que mais provavelmente as pessoas viajam para ver belezas cênicas (vulcões, montanhas, cachoeiras, cavernas, gêiseres, glaciares, formações rochosas, cânions, entre outros), que são essencialmente geológicas, do que para ver plantas e animais em particular. Entretanto, para muitas pessoas, as rochas não despertam a mesma atenção do que uma floresta ou animais, em virtude do movimento, coloração, sons e interação. Isso faz com que o desafio de tornar as rochas um elemento que desperte a atenção do visitante seja ainda mais crítico no geoturismo. (NEWSOME; DOWLING, 2006).

Muitos turistas que não possuem conhecimentos sobre a geologia veem esses aspectos como um componente curioso e interessante da paisagem, sendo que no geoturismo se entende que não há somente a apreciação da paisagem, mas também sua compreensão, realizada com o auxílio dos meios interpretativos. (MOREIRA; BIGARELLA, 2008a). Para Silva (2004) tornar esses atrativos visíveis e passíveis de interesse e entendimento é fundamental para despertar o turista e trazê-lo a esses locais. Sem dúvida essa é uma árdua missão, considerando-se a grandiosidade e diversidade do acervo geológico disponível e a necessidade de uma ampla tradução da usualmente “árida” e densa terminologia geológica, entendida por muitos como inacessível ao cidadão comum.

Em relação ao público que pratica o geoturismo, Hose (2000) cita que há:

- Geoturistas dedicados: aqueles que visitam sítios geológicos e exposições com propósitos educativos, crescimento intelectual e apreciação;
- Geoturistas casuais: indivíduos que visitam sítios geológicos e exposições primeiramente por prazer e alguma estimulação intelectual.

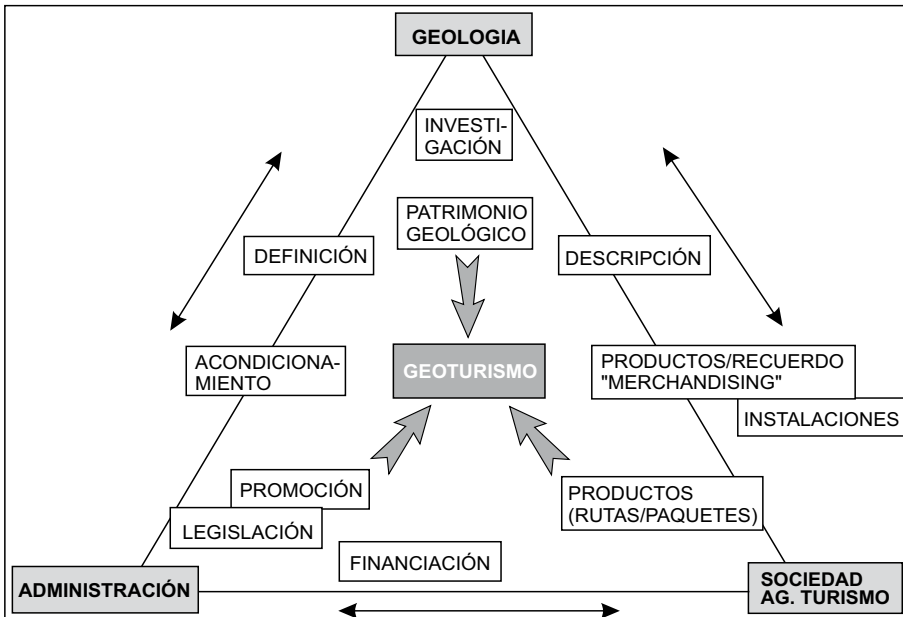
De qualquer maneira, para esse autor, os visitantes de áreas geológicas em sua maioria realizam a visita casualmente, ou seja, são visitas que não são planejadas, ocorrem acidentalmente.

O geoturismo possui alguns fatores condicionantes que favorecem ou limitam o seu desenvolvimento. (MELENDEZ; MOREIRA; SORIA, 2007). Podem ser resumidos em três grandes grupos:

- 1- Os de caráter científico, próprios da comunidade geológica, referentes à limitação e descrição do patrimônio geológico;
- 2- Os de caráter político, como a administração, legislação e promoção dos atrativos;
- 3- Os de caráter social e turístico, que incluem o “Trade” turístico, onde estão a iniciativa privada, agências de turismo, operadoras, setor hoteleiro, transporte, marketing, souvenir, etc.

Os três grupos intervêm por igual no desenvolvimento do geoturismo (flechas grossas) e a relação entre os três grupos não é somente de proximidade, como também de interação dinâmica e mútua (flechas simples de duplo sentido). Os grupos podem ser observados na Figura 1.

Figura 1 - Fatores condicionantes do geoturismo



Fonte: Melendez; Moreira e Soria, 2007.

Aspectos da promoção e divulgação são abordados por Pforr e Megerle (2006), que acreditam que o estabelecimento de redes de comunicação e a troca adequada de informações são importantes para implementar com sucesso o geoturismo em uma região. Para Hose (2006), os elementos-chave do segmento são os aspectos da geoconservação em combinação com a promoção turística e, para Dowling e Newsome (2010), a educação é o componente essencial no desenvolvimento do geoturismo.

Essa divulgação cada vez maior vem fazendo com que o geoturismo se desenvolva rapidamente em diversos países do mundo. Entre eles estão:

- Finlândia (ÉDEN; KANANOJA, 2005);
- Inglaterra (PAGE, 1999)
- Irlanda (MC KEEVER; LARWOOD; MCKIRDY, 2006)
- Austrália (JAMES; CLARK; JAMES, 2006; DOWLING e NEWSOME, 2006)
- Cazaquistão (FISHMAN; NUSIPOV, 1999)
- Rússia (SKOVITINA; SHCHETNIKOV; SIZOV, 2005)
- Grécia (ZOUROS; LABAKI, 2005)
- Malásia (TONGKUL, 2006)
- Islândia (DOWLING, 2008)
- Irã (AMRIKAZEMI; MEHRPOOYA, 2006)
- Portugal, Ilha da Madeira (SILVA; GOMES, 2005) e Ilha de Santiago (Cabo Verde) (PEREIRA E BRILHA, 2005)
- Coréia do Sul (HUH; WOO; SPATE, 2008)
- África do Sul (SCHUTTE, 2004; REIMOLD; WHITFIELD; WALLMACH, 2006)
- China (JIANJUN; XUN; YOUFANG, 2006)
- Angola (CADETE, 2009)

No Brasil muitos são os locais que possuem potencial para a prática do geoturismo, sendo que em alguns estados já há ações e projetos voltados ao planejamento e divulgação desse potencial. Por exemplo:

- Rio de Janeiro – O Projeto Caminhos Geológicos, realizado pelo Serviço Geológico do Rio de Janeiro (DRM – RJ) desde 2001 é o pioneiro no Brasil. Voltado para a sinalização dos monumentos geológicos do estado, tem como objetivos a divulgação e a preservação desses monumentos, denominados Pontos de Interesse Geológico. (MANSUR; NASCIMENTO, 2007). Em 2010 o projeto já contemplava 93 painéis em 31 municípios.
- Paraná – Em 2002 foi realizado em Ponta Grossa o 1º Simpósio de Roteiros Geológicos do Paraná, onde foram discutidos aspectos relativos

à interpretação ambiental do patrimônio geológico em Unidades de Conservação. Alguns meses mais tarde, a MINEROPAR criou o Projeto Sítios Geológicos e Paleontológicos do Paraná, que com o auxílio de diversas parcerias vem desenvolvendo e instalando painéis interpretativos sobre a geologia e temas correlatos em sítios geológicos e paleontológicos do estado do Paraná. Outra iniciativa foi o lançamento do Guia de Geoturismo de Curitiba (LICCARDO; PIEKARZ; SALAMUNI, 2009) e a realização do curso de condutor de geoturismo no Parque Nacional do Iguaçu. (MOREIRA; BIGARELLA, 2008a). Em 2009, o Departamento de Turismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa realizou o evento “Semana de Estudos em Turismo (SESTUR) –”, que contou com palestras, minicursos, saídas de campo e apresentação de trabalhos sobre geoturismo e planejamento e gestão sustentável dos destinos turísticos. O evento foi amplamente coberto pela mídia local e teve repercussões em todo o estado. (MOREIRA et al., 2010).

- Pernambuco – Um curso para condutores de geoturismo foi realizado em Fernando de Noronha em 2007, do qual participaram adolescentes e condutores cadastrados pelo ICMBio. O curso foi viabilizado pelo Centro do Golfinho Rotador, pela Fundação Banco do Brasil e pela Petrobras. (MOREIRA; BIGARELLA, 2008b). Outro trabalho, desenvolvido por Rodrigues, Borges e Assis (2008) propôs um mapa geoturístico do estado de Pernambuco.
- Rio Grande do Norte – Ações no Rio Grande do Norte incluem o Projeto Monumentos Geológicos, que utiliza painéis de sinalização turística com o objetivo de divulgar seus monumentos geológicos. (CUNHA; NESI; NASCIMENTO, 2006).
- Bahia – Esse estado possui o Projeto Caminhos Geológicos da Bahia, iniciado em 2003. O CPRM, em parceria com a Petrobras, já inaugurou cinco painéis em Pontos de Interesse Geológico. (NASCIMENTO; RUCHKYS; MANTESSO-NETO, 2008). Há também os trabalhos realizados por Fraga (2010), que realiza propostas para contribuir para a criação de alternativas sustentáveis de geração de renda através do geoturismo, e por Barreto (2007), que verificou o potencial geoturístico da região de Rio de Contas.

Independentemente do estado ou país em que é realizado, o geoturismo pode proporcionar diversos impactos, tanto positivos, quanto negativos. Sabe-se que qualquer atividade humana produz impactos no ambiente em que é realizada. O turismo não foge a essa regra, causando impactos que podem abranger efeitos econômicos, ambientais e socioculturais.

Alguns impactos positivos do geoturismo estão relacionados à conservação do patrimônio geológico, à geração de empregos diretos e indiretos e à compreensão do ambiente através de uma educação geológica e ambiental dos visitantes, gerando um aumento da consciência da população local e dos turistas quanto ao patrimônio geológico. Já como impactos negativos podem ser citados os danos aos sítios geológicos, decorrentes da utilização excessiva e/ou incorreta, a coleta de *souvenirs*, vandalismo e remoção ilegal de itens como fósseis e minerais. Além disso, a geração de benefícios econômicos pode ser limitada se a maioria das pessoas empregadas não for da comunidade local.

Capacidade de carga dos Pontos de Interesse, monitoramento constante e ações de manejo adequadas podem evitar a maioria dos impactos negativos. César et al. (2007) consideram que os impactos tanto positivos quanto negativos são potenciais, ou seja, dependem fundamentalmente do modo como seu planejamento, implantação e monitoramento forem organizados e realizados. De qualquer maneira, cabe ressaltar que, como esse segmento é muito novo, seus impactos ainda não são totalmente compreendidos. (DOWLING; NEWSOME, 2006). Por outro lado, o desenvolvimento do geoturismo representa uma parceria entre a comunidade local, o setor privado e o governo e está ganhando aceitação, pois possui benefícios econômicos, podendo favorecer todos os envolvidos. (DOWLING; NEWSOME, 2010).

Portanto, concorda-se com Brilha (2005), que afirma que o geoturismo precisa ser implantado depois de estar montada uma coerente e sólida estratégia de geoconservação, de modo a assegurar a manutenção do interesse do patrimônio geológico que justifica a própria atividade. Apesar dos diferentes graus de abrangência do termo geoturismo, se trata de uma atividade que está intrinsecamente ligada à geodiversidade e à geoconservação.

### **1.1.2 Como planejar o geoturismo?**

A OMT (2003, p. 74) explica que “são os atrativos turísticos os responsáveis por atraírem os turistas a visitarem um local”. Para que impactos negativos não interfiram na conservação dos atrativos, é necessário que a atividade seja cuidadosamente planejada.

Aqui são propostos aspectos do planejamento desse novo segmento, aplicado à realidade brasileira. São sugeridas ações para o planejamento de atividades geoturísticas e a utilização do patrimônio geológico tanto em Unidades de Conservação como em municípios que queiram aproveitar esse potencial. Para esse planejamento é importante que sejam realizadas as seguintes fases:



## **Fase 1 – Inventário dos Pontos de Interesse**

Inventários são importantes para obter informações turísticas detalhadas acerca da oferta existente, subsidiar o planejamento através da padronização na forma da coleta de dados auxiliando na definição dos Pontos de Interesse, que também poderão ser utilizados nos roteiros e para a interpretação ambiental.

A elaboração do inventário que vai ser a base para o planejamento do geoturismo deve ser feita por uma equipe qualificada, envolvendo profissionais das geociências e de turismo e consulta a bibliografia pertinente. Se a região já contar com um inventário geológico adequado, tais informações podem ser utilizadas. Se a região não contar com um inventário, ele deve ser elaborado e conter os seguintes itens (Adaptado de MONDEJAR; REMO, 2004):

- a) Localização e delimitação geográfica;
- b) Identificação do domínio (público ou privado);
- c) Contexto geológico;
- d) Identificação e descrição minuciosa do Ponto de Interesse;
- e) Importância ou raridade a nível local, regional, nacional e mundial;
- f) Tipos de interesses: científico, educativo, cultural e turístico;
- g) Ramos das geociências que possuem relação com o local (geomorfologia, tectônica, estratigrafia, sedimentologia, mineralogia, petrologia, paleontologia entre outros);
- h) Geodiversidade presente (descrição);
- i) Existência na região de outros valores (biológicos, paisagísticos, históricos, etnográficos, etc.);
- j) Possibilidade do desenvolvimento de atividades socioeconômicas na região e a verificação da infraestrutura disponível;
- k) Aptidão para a utilização do ponto em atividades educativas, culturais, promocionais e turísticas;
- l) Recomendações para a adequada gestão, conservação e utilização.

## **Fase 2 – Definições de objetivos e metas (aonde queremos chegar)**

Durante a elaboração dessa etapa devem ser estabelecidas diretrizes para a organização do geoturismo e a identificação das ações que são necessárias para o desenvolvimento do segmento.

De qualquer modo, deve ser realizado um planejamento turístico. De acordo com Beni (2000), esse planejamento é um sistema integrado, que exige também planos de longo prazo (metas e objetivos específicos e acham-se vinculados aos padrões de desenvolvimento de um futuro determinado) e projetos estratégicos

(direcionando a identificação e solução de questões imediatas para mudar rapidamente situações futuras e enfrentar legal e institucionalmente as transformações necessárias).

Tal planejamento pode se dar através de um plano de desenvolvimento do geoturismo, que deve impreterivelmente envolver a comunidade.

### **Fase 3 – Desenvolvimento de ações (como chegaremos lá)**

Baseando-se no plano elaborado na fase anterior, algumas ações a nível local são recomendadas:

- Verificar se há legislação específica de proteção do patrimônio geológico (nacional, estadual ou municipal). Se não houver, criá-las;
- Em locais onde há o potencial, iniciar discussões e incentivar a criação de geoparques, articulando parcerias e divulgando suas características à comunidade;
- Em locais onde os recursos geológicos são importantes a nível nacional e regional, instalar centros interpretativos, sinalização e meios interpretativos;
- Incentivar a inclusão de conteúdos relacionados ao patrimônio geológico da região em cursos universitários, no Ensino Médio e Fundamental;
- Capacitar a população do entorno para que possa atuar em atividades como a condução de visitantes, confecção de artesanato, etc.;
- Incentivar a divulgação e o aprendizado relacionado aos aspectos do patrimônio geológico. Para tanto, podem ser realizadas atividades como: cursos, palestras, workshops, roteiros direcionados a públicos específicos, concursos de geofotografia, criação de website, entre outros;
- Produzir material promocional e para ser utilizado em atividades interpretativas, educativas e de divulgação.

### **Fase 4 – Gerenciamento, avaliação e monitoramento (como saber se os objetivos foram atingidos)**

De nada adianta planejar se não for assegurada a implementabilidade das medidas e diretrizes propostas nas fases anteriores. Para tanto, a avaliação e o monitoramento devem ser constantes.

É importante continuar envolvendo a comunidade em todas as etapas e, além disso, devem ser efetuadas pesquisas de demanda que incluam aspectos relativos à satisfação dos visitantes. A realização de estudos de capacidade de carga

e a verificação da eficiência dos mesmos são imprescindíveis, no sentido de monitorar e evitar os impactos ambientais negativos que podem ocorrer nos Pontos de Interesse.

Após alguns anos, o plano deve ser reexaminado e revisado, para que seja atualizado e corrigido, se necessário. De acordo com a OMT (2003), tal revisão deve obedecer aos parâmetros da manutenção da sustentabilidade do turismo.

Essas etapas devem ser realizadas em parceria entre setores públicos e privados. Cabe ao setor público (em suas esferas federal, estadual e municipal) papéis como a elaboração de leis, principalmente leis de proteção ao patrimônio geológico, a infraestrutura básica e a fiscalização. Já o setor privado pode auxiliar na captação dos recursos humanos, infraestrutura turística e a qualidade no atendimento. A ambos os setores cabe a educação, preservação da identidade, conservação dos atrativos, marketing, divulgação e investimentos.

Ao propor essas recomendações pretende-se auxiliar no planejamento de um desenvolvimento harmônico e sustentável da atividade turística, de acordo com as políticas de preservação do meio ambiente natural e cultural, a qualidade na prestação de serviços e a consciência da importância da qualificação da mão de obra em todos os níveis.

Desse modo, o geoturismo pode chegar a assumir um grau de importância estratégica para o futuro do desenvolvimento turístico do Brasil, como fator de desenvolvimento social, educação e valorização do potencial das comunidades envolvidas, além do marketing a nível nacional e internacional. De qualquer forma, o geoturismo deve ser um turismo sustentável no sentido de permitir um desenvolvimento turístico sem degradar ou esgotar os recursos utilizados na atividade. Somente assim poderemos conhecer e aproveitar ainda mais nosso patrimônio geológico, permitindo que as futuras gerações também possam conhecê-lo.